

Intenção no Trabalho

Freqüentemente, ao longo das nossas vidas diárias nos deparamos com situações que nos fazem questionar certos comportamentos ou atitudes que tomamos frente a uma determinada situação. Perguntas como: 'não sei como é que fui fazer tal coisa', 'não foi bem assim que eu imaginei fazer as coisas' ou, 'não era essa a minha intenção inicial', e outras do mesmo tipo nos colocam o problema de tentarmos descobrir como é que decidimos realizar algo e, no fim, acabamos com um resultado totalmente diferente daquele que desejávamos.

Entre as várias causas que podemos encontrar para explicarmos esta situação, podemos dizer que a mais importante delas é a realidade fragmentária do ser humano ordinário no que se refere aos seus inúmeros eus (sugerimos a leitura do texto que se refere a este tema de forma mais detalhada que pode ser encontrado neste mesmo site). Se a nossa realidade costumeira é regulada por comportamentos que são desencadeados por agentes exteriores, que acabam produzindo uma resposta condicionada e caracterizada como sendo um 'eu' mecânico, podemos dizer que ele está dotado de uma capacidade ou uma intencionalidade de realizar aquela tarefa que lhe é precípua, ou seja, de responder da forma com que foi condicionado ao estímulo que o faz se expressar. Em outras palavras, se, por exemplo, temos um 'eu' que responde às necessidades de irmos fazer compras em um supermercado, iremos ativar um eu correspondente que apresenta todos os comportamentos e recursos capazes de lidar com essa tarefa, ou seja, fazer escolhas, tomar decisões com respeito aos produtos que se deseja comprar, definir prioridades de compra, limites de gastos, avaliar desejos e necessidades, enfim, todos os elementos que envolvem o comportamento de fazer compras em um supermercado. Isto significa que este 'eu' em particular deverá manter a sua intencionalidade de forma mais ou menos contínua enquanto estiver em funcionamento, senão iremos em busca de coisas que nem sempre poderemos querer ou encontrar em um supermercado comum, por exemplo, carros de corrida fórmula um.

Enquanto estivermos expressando esse 'eu' específico, podemos notar que ele se apresenta como sendo único, verdadeiro e permanente. Entretanto, isto somente é verdade enquanto ele estiver na berlinda, se expressando e se justificando em termos dos seus comportamentos e funções. Se, por acaso, encontramos um conhecido no decorrer das nossas compras, poderemos trocar o 'eu' supermercado pelo 'eu' fofocas e partirmos para uma conversa animada sobre os acontecimentos da última festa de aniversário que participamos, onde agora as compras passam a um plano secundário, como se estivessem sendo realizadas num modo automático ou mesmo, robótico. Após nos despedirmos no nosso amigo(a), poderemos recuperar o eu anterior e tudo se passa como se não tivesse ocorrido nenhuma transição ou substituição de eus. Continuando o mesmo exemplo, se logo adiante soam os alarmes de incêndio no supermercado, a intencionalidade de completar as compras agora é substituída pela intencionalidade de um outro 'eu', agora voltado á sobrevivência, e assim por diante.

Podemos dizer que cada eu, que faz parte da multidão de eus que compõem a nossa personalidade, possui um conjunto de comportamentos e capacidades específicas para o desempenho das funções que lhe deram origem e que o justificam, e que, quando ele está se expressando, ele atua ou se acredita como sendo único, como se os outros 'eus' fossem no máximo de caráter secundário e passíveis de serem desconsiderados;

verdadeiro, como se ele representasse a nossa verdade essencial inteira e por isso seria o componente mais importante da nossa realidade pessoal e, finalmente, permanente, como se ele estivesse atuando desde o início da nossa vida até o seu final, sem qualquer interrupção de continuidade. Ele tenta manter este processo em ação pelo maior período de tempo possível, como que tentando evitar o acesso de outros eus que possam ocupar o seu lugar. Entretanto, com a modificação dos estímulos e condições exteriores, ele inevitavelmente será substituído por um outro eu, que agora passa a se considerar único, verdadeiro e permanente por sua vez, repetindo o ciclo indefinidamente, totalmente esquecido da presença e ações desencadeadas pelo eu prévio. É devido a isso que freqüentemente entramos em situações paradoxais em que as ações e decisões que foram tomadas por um determinado eu são agora contempladas e analisadas por um outro eu totalmente diverso do antecedente, criado aquela situação de conflito e irrealidade, porque os resultados que vemos são inconsistentes na maior parte das vezes.

Assim, considerando que um 'eu', qualquer que seja ele, somente encontra uma justificativa para a sua existência enquanto expressando-se em resposta a um estímulo que o solicitou, tem como atitude básica a busca de sua permanência em atividade o máximo de tempo possível, ou seja, ele tenta se perpetuar tanto quanto puder. Essa é a única atitude que é comum a todos os eus que constituem a nossa personalidade.

As atitudes mecânicas que são apresentadas pelos eus que nos constituem costumam ser classificadas em dois grandes grupos: as atitudes de preservação do estado atual da máquina, ou seja, o princípio da preservação e as atitudes que lidam com os desejos e caprichos, seja por temor a punições ou represálias ou pela oportunidade de obter algum ganho ou benefício. Em linhas muito gerais, poderíamos dizer que os componentes da nossa personalidade estariam debaixo do domínio de dois princípios fundamentais, o da dor e do prazer, algo que a Psicologia Moderna reconheceu desde longa data, e que popularmente é chamado de 'cenoura e chicote'.

O Trabalho de Quarto Caminho reconhece essa situação e nos diz que isto é verdade enquanto existirmos apenas na dimensão mecânica do nosso ser. Se desejarmos e estivermos dispostos a superar essa dimensão, então teremos de aprender a utilizar alguns recursos que possam nos oferecer a oportunidade de contemplarmos as dimensões não-mecânicas e que, de certo modo, localizam e relativizam o domínio que os processos mecânicos exercem nas nossas vidas. Mas para que isto possa acontecer, teremos de atuar debaixo de um conjunto novo e diferente de atitudes que, embora ainda envolvam a dimensão dos múltiplos eus da personalidade, já nos indica uma possibilidade de aumentarmos nossos graus de liberdade e de isenção frente a essa situação sufocante.

A primeira atitude que devemos assumir e de forma total e sem retorno, é a da insatisfação frente àquilo que somos e sabemos de nós mesmos e do mundo que nos cerca. Quebrar o hábito do comodismo e da rotina é o primeiro passo que deve ser feito pelo indivíduo genuinamente interessado no desenvolvimento do seu ser de forma honesta e eficiente. Sem essa atitude fundamental nada mais ambicioso poderá ser feito.

Entretanto, sempre existe o risco de que, ao desenvolver a atitude de insatisfação, venhamos igualmente a gerar um 'eu inconformado' com tudo e todos, ou seja, o foco deixou de ser uma busca pelo desenvolvimento do ser e passa agora a representar uma forma de auto-afirmação arrogante da personalidade, normalmente representada por um comportamento de críticas contínuas direcionadas contra tudo e contra todos apoiada freqüentemente num comportamento opinativo totalmente irracional e autojustificativo,

do tipo: 'as coisas são assim porque eu quero que sejam desta maneira, e isso basta', ou algo semelhante. A atitude de insatisfação deve estar relacionada com a busca pela transformação do ser e, portanto, deverá ser sempre analisada com referência ao indivíduo apenas, nunca buscando causas, efeitos ou razões situadas fora dessa dimensão pessoal, senão o foco acaba sendo irremediavelmente perdido, não importa a educação ou tempo de prática que o indivíduo tenha feito. A ausência da verdadeira humildade acaba sendo preenchida por uma arrogância da personalidade.

Se um indivíduo deseja realmente participar de um processo de desenvolvimento do seu ser, então ele deverá gerar um conjunto básico de atitudes sob o risco de acabar se auto-iludindo e gerando mais problemas a médio e longo prazo, geralmente criando dificuldades de difícil solução e que geralmente o fazem desistir do processo. Iremos apresentar e discutir de maneira sucinta algumas intenções que definem um processo real e efetivo de transformação do ser, uma vez que o seu aprofundamento somente se justifica em termos práticos e experienciais e não meramente discursivos:

- a. A prioridade do Trabalho frente aos outros processos da vida mecânica.
- b. O uso da vida mecânica como um laboratório de busca pelo desenvolvimento do ser e não apenas para o entretenimento ou aperfeiçoamento da MBH (Máquina Biológica Humana);
- c. Trabalho pessoal honesto e interação com uma comunidade de referência eficiente do Trabalho.

A prioridade que devemos conferir ao Trabalho irá decorrer de duas constatações fundamentais: 1. Que vivemos uma realidade mecânica extremamente limitada, composta de rotinas e desperdício de energia e oportunidades para um real desenvolvimento do nosso ser, apoiados num pressuposto que já estamos com tudo feito e pronto e que não é necessário nenhum tipo de esforço para chegarmos à perfeição última, apenas esperar e nos divertirmos muito e, 2. Que acreditamos que iremos viver eternamente e dispomos de um suprimento infinito de oportunidades à nossa frente.

Conformismo e Postergação são os dois elementos mais importantes deste tipo de problema que devemos eliminar desde cedo. Isto costuma ser feito à medida que verificamos que a mecanicidade em que estamos mergulhados representa um prenúncio da nossa morte futura onde nada mais poderá ser feito, e que o momento em que algo pode ser feito é o agora, não nos interessando o que foi feito antes ou o que planejamos fazer no futuro. A sensação de urgência com que buscamos viver cada momento presente, a intensidade e a maneira pela qual buscamos aproveitar cada oportunidade e momento para experimentarmos as dimensões não-mecânicas da nossa vida representa uma característica daquele indivíduo que realmente está em busca da transformação do seu ser. Para ele a leitura, o estudo, a discussão, a participação de atividades secundárias, não podem substituir o momento da experiência transformadora do ser e assim o tempo é escasso frente a tudo aquilo que ainda esta para ser feito.

O intelectualismo substituindo o processo de experimentação, verificação e transformação do nosso ser costuma ser uma das armadilhas mais comuns que a personalidade utiliza no sentido de fazer com que o conformismo e a postergação não sejam superados. O intelectualismo considera como 'já feito', 'evidente', 'desnecessário', 'óbvio' tudo aquilo que as propostas do Trabalho fazem visando criar uma nova base de experimentos que seja integral, composta de elementos físicos, emocionais, intelectuais e

capazes de estimular o processo de desenvolvimento da nossa essência em novas qualidades de ser e viver o mundo. O intelectualismo reduz tudo a uma proposta puramente mental e, portanto, totalmente desprovida de capacidade de promover uma real transformação.

2. O uso da vida ordinária como um grande laboratório onde aplicamos e testamos aquilo que aprendemos dentro dos grupos de trabalho envolve uma atitude de vigilância contínua e num aproveitamento constante das oportunidades em que podemos aplicar aquilo que já conhecemos do Trabalho de Transformação do Ser ao longo da nossa vida cotidiana. Isto envolve duas condições: (a) o desenvolvimento de uma vontade, capaz de lidar com os problemas ligados ao intelectualismo, visto que na maioria dos indivíduos da atualidade é somente a dimensão intelectual que poderá estar permeável e passiva para algum tipo de aperfeiçoamento e direcionamento nos estágios iniciais do Trabalho. O desenvolvimento da vontade requer com que deixemos de lado certas atitudes e comportamentos mecânicos da MBH e que, teimosamente e persistentemente, passemos a desenvolver um poder de controlar os processos de decisão intelectuais de forma a podermos lentamente focalizá-los nas práticas e propostas do Trabalho. Envolve um certo tipo de teimosia ou pertinácia que supera qualquer forma de justificativa ou desculpa que porventura possamos fazer uso para nos afastar da proposta de realizar a transformação do ser. Isto costuma ser desenvolvido dentro do ambiente de uma Escola do Trabalho pois sempre existe o risco de que, ao invés de obtermos um reforço da vontade, venhamos a obter uma espécie de mania ou fixação em algum aspecto específico da proposta em questão. O outro fator envolvido (b) é a criação de um Centro Magnético ligado ao Trabalho de forma que o indivíduo será agora conduzido a uma atitude de priorizar as propostas de desenvolvimento do ser ao longo da via ordinária, ao estabelecer uma decisão de manter o foco das idéias e propostas aprendidas em detrimento da perda de tempo em meras fantasias ou desatenção e de perda de energia e oportunidades que costuma ser a regra na maioria dos casos. O Centro Magnético é um constructo que é gerado dentro da MBH e que atua de forma a valorizar certos aspectos ou preferências em detrimento de outras coisas da dimensão mecânica do ser. Todos nós conhecemos pessoas que são capazes de fazer sacrifícios e passar necessidades para poderem satisfazer algum tipo de predileção, hobby ou qualquer outra coisa que assumiu um valor desproporcionado para nós e que costuma até mesmo ser questionado pelas outras pessoas. São manias, compulsões, coleções, atividades que geralmente são descontroladas e ultrapassam a capacidade de gerenciamento da MBH e que estão geralmente ligadas a problemas relacionados como Centro Sexual na maioria dos casos. Podem ser de todos os tipos e ordens, desde atividades físicas ou desleixo com a saúde ou condição física, até fixações filosóficas ou artísticas e estéticas. Representam formas de desviar e gastar energia para uma área totalmente condicionada e totalmente fora de controle racional. Na nossa realidade corriqueira podemos identificar com facilidade diversas formas de expressão destes Centros Magnéticos.

Ainda assim, a criação de um Centro Magnético que se focalize nos temas, propostas e no aproveitamento de oportunidades que possam ser realizados no dia a dia poderá representar um instrumento de grande valia para o interessado na transformação do ser. Poderá ser o fator que mantenha, impulsione e ao mesmo tempo, agilize todo o processo e possibilite alcançar novas etapas de desenvolvimento. O Centro Magnético deverá ser criado a partir da aplicação de uma força de vontade que defina as prioridades

e a importância a ser conferida à atitude de buscar a transformação do ser, mesmo que às custas de certos sacrifícios e abandono de outras atitudes. No final, o próprio Centro Magnético poderá propiciar o surgimento de estruturas mais permanentes do indivíduo, a partir dos desenvolvimentos que irão acontecer.

Finalmente, temos de enfatizar a necessidade e a importância da participação do interessado num grupo de referência do Trabalho, visto que é muito raro que um indivíduo possa realizar o trabalho de desenvolvimento do ser de maneira isolada, sem qualquer tipo de orientação ou supervisão. Os riscos de autoengano e desvios gerados pela MBH ao longo do processo são numerosos e sutis para que o indivíduo tente essa tarefa de forma independente. Deste modo, um grupo de pessoas realmente interessadas e honestamente dispostas a compartilhar os seus resultados e em aprender com as vivências e constatações dos outros é crucial para que a proposta do Trabalho possa vir a um bom termo.

Um grupo de referência costuma ser descrito como sendo um grupo de prisioneiros que vive dentro de uma penitenciária imensa que é a própria vida ordinária. A partir de uma série de constatações, cada prisioneiro tem a possibilidade de descobrir o que seria a vida fora da prisão e que, ao longo do tempo, ele se acostumou ao ambiente e realidade de prisão de tal forma que ele agora a considera como a única realidade e forma de vida que lhe é possível para o momento. Assim, mesmo que existam os mitos e crenças de uma libertação ou paraíso futuros, ele deverá aguardar com fé e esperança que estas propostas se concretizem, ele nada poderá fazer para apressar o processo. Isto é um processo de engodo e auto-ilusão criado para que não ocorram revoltas e fugas sistemáticas da prisão, é no fundo um processo de controle social e anestesia da individualidade e da busca pela real experiência da vida.

Alguns prisioneiros se adaptam de tal maneira que sequer fugiriam da penitenciária mesmo que essa oportunidade lhes fosse oferecida, outros, tentam ocasionalmente algo para fugir dessa realidade, mas eles acabaram desenvolvendo tal forma de dependência psicológica àquela realidade confortável e conhecida que, quando surge uma oportunidade de fugir, eles tendem a encontrar desculpas para não fugir, postergação, justificativas, responsabilidades, seja o que for.

Outros prisioneiros estão tentando realmente fugir da prisão, mas não sabem como fazer isso. Eles buscam por várias técnicas e propostas que discutem, ensinam, promovem workshops e outras atividades voltadas para o processo de libertação, mas que na realidade não funcionam muito bem na atualidade, visto que com o tempo, as penitenciárias sempre se aperfeiçoam e incorporam altas tecnologias no sentido de manter os indivíduos aprisionados.

Os raros indivíduos que encontram propostas de fuga realmente eficientes, ainda assim não conseguem realizar a fuga de forma independente ou isolada, as necessidades, riscos e esforços necessários exigem duas coisas: a existência de alguém que saiba antecipadamente o que é necessário fazer, 'um que já sabe', e que deve ser respeitado e obedecido neste processo mesmo que muitas vezes a razão ou o bom senso indiquem o contrário e, finalmente, um grupo de cúmplices ou furtivos que desejem todos viver fora daquela prisão.

Este é o grupo de referência que devemos buscar e manter, caso o encontrarmos. Com frequência um grupo real de referência se perde em atividades secundárias, ele poderá se transformar num grupo de apoio psicológico ou supridor de carências afetivas

ou sociais, um grupo centrado nos detalhes ou aspectos específicos do plano de fuga, por exemplo, a espessura das paredes da prisão ou na arquitetura da penitenciária, com a conseqüente perda do foco da proposta inicial.

Daí a necessidade de que exista, além do grupo de referência, aquele indivíduo que já conhece a rota de fuga, pelo menos até um certo ponto, de maneira a aumentar a possibilidade de uma real libertação de todos. Estes indivíduos são muito raros e de difícil acesso, porque eles são capazes de manter a integridade da sua intenção de ajudar as pessoas a fugirem da prisão da sua própria mediocridade e mecanicidade muitas vezes contra a própria vontade delas, estimulando a auto-reflexão e a necessidade de rever os abrandamentos ou modificações das suas atitudes, assim como os questionamentos mecânicos que elas naturalmente irão gerar ao longo do processo de fuga.

Tentando uma interpretação livre daquele provérbio bíblico (Mateus, capítulo 18): 'Muitos serão chamados, mas poucos serão os escolhidos', podemos dizer que o chamado para o desenvolvimento do nosso ser, expresso pela necessidade de escapar de uma vida mecânica e sem sentido é feito para cada ser humano desde o nascimento até a sua morte, porém são as nossas escolhas particulares que irão determinar se iremos ou não alcançar essa libertação.

CG/cg
Outubro 2008